

## Franco Ciarlantini e a divulgação da literatura italiana no início do século XX

Franco Ciarlantini and the dissemination of Italian literature in the early 20th century

Sarah FERNANDES<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende revelar o papel que Franco Ciarlantini, importante figura política italiana, teve nas trocas literárias entre a América do Sul – principalmente o Brasil – e a Itália, no início do século XX. Ciarlantini vai dedicar sua vida à divulgação da cultura italiana por meio, entre outros, da editora “Alpes” e da revista “Augustea: política, economia, arte”, fonte rica através da qual foi possível fazer um levantamento das ações que contribuíram para essa divulgação e do envolvimento de Ciarlantini nelas. Para analisar suas contribuições e o quanto elas foram bem-sucedidas, a ferramenta principal é o conceito de valor literário, conforme exposto na obra *República Mundial das Letras*, de Pascale Casanova, na qual as trocas literárias aconteceriam num mercado mundial, e fatores como língua seriam imprescindíveis para conhecer o valor atribuído às obras que aí circulam. Ciarlantini seria, nesse mercado, um intermediário cultural, cujo papel é de levar a cultura italiana para o povo italiano e para o exterior, e os resultados de suas ações junto ao regime fascista serão examinados dentro desse mercado literário mundial.

**Palavras-chave:** Literatura italiana; Fascismo; América Latina; Franco Ciarlantini.

**Abstract:** The present article intends to reveal the role that Franco Ciarlantini, an important Italian political figure, had in the literary exchanges between South America - mainly Brazil - and Italy at the beginning of the 20th century. Ciarlantini dedicated his life to the dissemination of Italian culture through, among others, his publishing house “Alpes” and the magazine “Augustea: política, economia, arte”, a rich source that made possible to survey the actions that contributed to this dissemination and Ciarlantini's involvement in them. To analyze their contributions and how successful they were, the main tool is the concept of literary value, as exposed in the work *The World Republic of Letters*, by Pascale Casanova, in which literary exchanges would take place in a world market, and factors as a language would be essential to know the value attributed to the works that circulate within it. Ciarlantini would be, in this market, a cultural intermediary, whose role is to bring Italian culture to the Italian people and abroad, and the results of his actions with the fascist regime will be examined within this world literary market.

**Key words:** Italian literature; Fascism; Latin America; Franco Ciarlantini.

Recibido: 14 de marzo de 2022      Aceptado: 12 de julio de 2022

### Introdução

O presente artigo tem origem na pesquisa de doutorado da autora, cujo tema principal é o periódico italiano “Augustea, economia, política, arte”, publicado entre 1925 e 1941. Disponível

---

<sup>1</sup> Brasileira, doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: [sf.sarahfernandes@gmail.com](mailto:sf.sarahfernandes@gmail.com)

integralmente na Biblioteca Nacional de Roma e acessado com o auxílio da Universidade da Antuérpia (onde parte da pesquisa de doutorado foi desenvolvida), foi através da leitura de seus inúmeros artigos que a figura do diretor da revista, Franco Ciarlantini, se destacou como representante dos interesses pela divulgação da cultura italiana dentro e fora do país durante o regime fascista. Os artigos de “Augustea”, tanto os escritos por ele quanto por colaboradores sobre ele, mostram como seu papel de propagandista ia muito além da direção da revista, já que Ciarlantini também viajava ao exterior para divulgar a cultura italiana – interessando-se particularmente pela sua expansão na América Latina –, participava ativamente de órgãos oficiais do governo e de congressos fascistas, buscava promover o setor livreiro italiano e continuou apoiando Mussolini até o final de sua vida. Apesar disso, poucas fontes, principalmente em língua portuguesa, citam sua figura como relevante durante os anos de desenvolvimento do regime fascista. Diante dessa lacuna, evidenciou-se o interesse em explorar seu papel como divulgador da propaganda fascista cultural, principalmente literária, e buscar compreender de que modo seus esforços se encaixavam num sistema cultural no qual a Itália buscava se destacar e se tiveram a influência planejada.

No início do século XX, o fascismo chega ao poder na Itália, trazendo consigo como um de seus ideais disseminar a cultura italiana dentro e fora do país, com a finalidade de expandir o próprio fascismo. Nesse contexto, surgem alguns atores que despontam como agentes de câmbio, pessoas que levariam a cultura italiana para todo o país e o exterior. Dentre eles, está Ciarlantini, que dedicará grande parte de sua vida a impulsionar a divulgação da cultura italiana. Uma de suas ambições era aumentar a presença da literatura italiana no continente sul-americano. Ciarlantini descreveu e analisou algumas das ações que surgiram durante o regime fascista no sentido de expandir a cultura italiana na já mencionada revista “Augustea, economia, política, arte”. A obra de Pascale Casanova, *A República Mundial das Letras* (2002), para quem a circulação da literatura mundial pode ser analisada como um mercado, no qual algumas nações têm mais capital do que outras – ou seja, mais poder de penetração e influência que outras, possibilita a análise dos resultados dos esforços que foram feitos por Ciarlantini e pelo governo fascista nas trocas literárias principalmente entre a Itália e o Brasil.

## Financiamento governamental

É importante ressaltar que Ciarlantini era parte de um esquema muito maior de propaganda cultural, pois o regime fascista cria ao longo de seus anos no poder um programa de incentivo governamental com o objetivo de impulsionar a divulgação da cultura italiana, e que teve um papel fundamental na manutenção do trabalho de alguns artistas, jornais e editoras, sobretudo durante a década de 30. Através desse financiamento para propaganda cultural, que foi se desenvolvendo até se transformar em um programa de subvenção governamental, alguns artistas conseguiram chegar e se manter em lugar de destaque dentro do sistema cultural italiano. De acordo com Sedita, “a partir de 1925 até os anos 40, houve um aumento progressivo de capital aplicado por parte do governo que culminou, em 1941, na maior soma investida até então em propaganda fascista” (2010: 21). Pode-se citar como exemplo o escritor Gabriele D’Annunzio, cujas obras completas foram publicadas em 1926 com auxílio do governo, numa tentativa de impulsionar sua divulgação mundial, traduzindo-as para línguas como o finlandês e o polonês. Ainda hoje D’Annunzio é um nome relevante que figura em vários artigos sobre poesia e dramaturgia italianas – no Brasil, porém, poucas obras do autor traduzidas para o português são encontradas em livrarias e catálogos.

O financiamento para propaganda cultural abarcava, como evidencia o exemplo de D’Annunzio, a incentivo à literatura. Por isso, o regime fazia poucas restrições ao que podia ser publicado; para o

regime, quanto mais publicações, mais possibilidades de exportação cultural. Apesar disso, Ferroni afirma que

apenas algumas tendências da cultura fascista tiveram alguns resultados literários e artísticos interessantes. O regime acabou por apoiar diversas e distintas orientações literárias, desde que se colocassem sob o signo da oficialidade e oferecessem a imagem de uma vigorosa literatura nacional. (2011: 94)<sup>2</sup>

Ou seja, apoiava-se quantidade, esperando que um grande volume de obras significasse mais chances de que algumas se destacassem no cenário literário, e apoiando “diversas e distintas” literaturas, não foi possível desenvolver uma “literatura fascista”, com características que identificassem um único movimento artístico.

Nesse cenário, a exportação de propaganda fascista era continuamente incentivada para que atingisse o maior número de indivíduos possível. De acordo com Golino,

na Itália, livros escolares, jornalismo, literatura, periódicos especializados, rádio, cinema, música pop concorrem na tentativa de sensibilizar o público [...] para a obra civilizadora de fascismo. É uma produção ‘cheia de clichês racistas e clichês românticos decadentes’ que supera de longe as raras vozes que não especulam sobre a inferioridade racial e cultural africana, cuja maior desvantagem também é identificada na falta de escrita (1994: 73)<sup>3</sup>.

Isso significa que o público italiano estava constantemente sendo exposto à propaganda cultural do regime. Porém, como não existia uma definição exata do que era a cultura originada do fascismo, é praticamente impossível mensurar o quanto isso influenciava o que o povo pensava sobre ele.

## Franco Ciarlantini

Inúmeras figuras de relevância política se dedicaram ao regime através do apoio à expansão cultural. Uma delas é Ciarlantini, que vai cunhar o termo *Imperialismo Spirituale* para falar sobre os esforços empreendidos pelo governo para divulgar a cultura italiana. Nascido em 1885 em San Ginesio, Ciarlantini torna-se professor de ensino fundamental, mas logo inicia sua carreira jornalística. Em 1906, vira secretário do partido socialista local e colabora com periódicos como “Avanti!” e “Il Cittadino”. Transfere-se para Milão, onde continua exercendo atividades de propagandista político e jornalista. Em 1914, começa sua vida política de fato quando é eleito membro do comitê diretivo da seção socialista; ao mesmo tempo, inicia também sua carreira como diretor de periódicos com “Il Lavoro” e “Idea socialista”. Distancia-se do partido socialista por discordar de sua posição em relação à Primeira Guerra Mundial, defendendo o intervencionismo. Participa ativamente da Guerra como soldado simples e sua experiência o inspira a escrever seu primeiro livro, “L'anima del soldato” (1917). Em 1919, aproxima-se do movimento fascista e começa prolífica colaboração com o jornal “Popolo d'Italia”, fundado por Benito Mussolini. Na mesma época, seus esforços de propagandista começam a tomar forma e ele funda o primeiro

---

2 “Solo alcune delle tendenze della cultura fascista ebbero qualche esito interessante sul piano letterario e artistico. Il regime finì per sostenere orientamenti letterari vari e diversi, purché si ponessero sotto il segno dell'ufficialità e offrissero l'immagine di una vigorosa letteratura nazionale.” (Ferroni, 2011: 93)

3 “In Italia, libri scolastici, giornalismo, letteratura, periodici specializzati, radio, cinema, musica leggera concorrono nel tentativo di sensibilizzare il pubblico [...] all'opera civilizzatrice del fascismo. È una produzione “piena di luoghi comuni razzistici e di frusti clichés romantico-decadenti” che soverchia di gran lunga le rare voci che non speculano sull'inferiorità razziale e culturale africana, il cui handicap maggiore viene altresì individuato nella mancanza della scrittura.” (Golino, 1994: 73)

instituto de propaganda italiana em Trento, chamado “Athesinum” (Lecco, 1981: 214-216). Seus artigos começam a defender uma expansão cultural italiana no Alto Adige, região situada no extremo norte e anexada pela Itália após a Primeira Guerra Mundial, em 1919 (Montanelli, 2013: 297), e mostram um desenvolvimento embrionário de sua ideia de *Imperialismo Spirituale*.

É em 1925 que suas ideias de expansão cultural italiana aparecerão de forma mais organizada em seu livro “Imperialismo Spirituale”. Suas atividades o colocam como um dos protagonistas do universo literário, conforme definição de Casanova em sua obra *A República Mundial das Letras*, de 2002 (expressão que a autora usa para designar o espaço mundial de circulação literária), já que Ciarlantini vai dedicar sua vida a impulsionar esse imperialismo para aumentar o capital cultural italiano no mundo, valorizando a cultura italiana de modo geral. Sua editora, “Alpes”, era oficialmente alinhada com o regime fascista (Billiani, 2020: 73), tendo sido responsável por inúmeras traduções italianas e pelas primeiras edições dos discursos de Mussolini. Ciarlantini também fundou a já mencionada revista de cultura “Augustea”, e a dirigiu até sua morte, em 1940 (a revista ainda continua sendo editada por mais 3 anos, sob nova direção).

Além disso, ele também esteve à frente de importantes órgãos relacionados à cultura e sua divulgação: foi diretor da Secretaria de Propaganda e Imprensa do Partido Nacional Fascista (PNF), presidente da *Associazione editori e librai italiani* (AELI) e parte do Grande Conselho do Fascismo (órgão central do governo), bem como foi um dos principais idealizadores do *Convegno di Bologna degli intellettuali fascisti*, que ocorreu entre 28 e 29 de março de 1925. Em 1926, é escolhido como presidente da *Federazione nazionale fascista degli industriali editori*, que substituirá definitivamente a *Associazione editoriale libraria italiana* em 1929 (Billiani, 2020: 69). Durante os anos 30, escreve dois livros sobre Mussolini e sua contribuição à nação italiana: “Mussolini immaginario” (1933) e “Il capo e la folla” [O líder e a multidão] (1935). Ou seja, dedica toda sua vida à promoção do fascismo através da propaganda fascista cultural e de suas obras literárias e jornalísticas, podendo ser chamado de um intermediário cultural, que levava (ou tentava levar) a cultura italiana, incluindo sua literatura, também para fora do país.

Através dos artigos que escreveu para sua revista, é possível retratar seus esforços para expandir a propaganda fascista através da divulgação da cultura italiana. Em “Per l’espansione culturale all’estero” [Para expansão cultural no exterior] (p. 3), de 16 de setembro de 1926, demonstra o interesse de Ciarlantini em conhecer a posição da cultura italiana em países estrangeiros. O texto é uma cópia da carta de resposta dele ao diretor do periódico “Tevere”, Telesio Interlandi, na qual Ciarlantini elogia a relação de informações sobre a presença italiana em países estrangeiros e que pode fornecer ao governo nacional dados imprescindíveis para que novas iniciativas de coordenação possam ser criadas ou melhoradas (Ciarlantini, 1926b: 3). Uma figura que recebe os elogios de Ciarlantini no mesmo texto é Corrado Pavolini, escritor e irmão do político fascista Alessandro Pavolini, que retoma a “campanha para a coordenação de todos os trabalhos que visam colocar no exterior os resultados da fervorosa atividade espiritual de nosso país” (1926b: 3)<sup>4</sup>. Ele lembra do *Convegno della cultura fascista* de Bologna, ocorrido em 1925 a mando do PNF, afirmando que durante esse evento a proposta dos especialistas em cultura foi debatida e era igual à que Ciarlantini havia desenvolvido no já mencionado livro “Imperialismo Spirituale” (1925). Ciarlantini argumenta que não é necessário aumentar o número de iniciativas de expansão italianas, mas sim, organizá-las melhor. As iniciativas existentes são tanto públicas quanto privadas, algumas são recentes e outras mais antigas, mas todas têm em comum a finalidade de valorizar a cultura e estudo do italiano pelo mundo. Apesar de todas receberem ajuda do governo (ou seja, do nascente sistema de subsídio fascista), nem sempre o auxílio é utilizado de forma sensata. O que ele implica

---

4 “[...] da campagna per la coordinazione di tutte le opere che mirano a ben collocare all’estero i risultati della fervida attività spirituale del nostro paese.” (Ciarlantini, 1926b : 3)

é que existe um desperdício de recursos proposital que deveriam estar auxiliando o imperialismo, mas que os desperdícios serão identificados pelo "nosso Duce", que fará logo um "rastreo geral neste campo ... contagioso que estenderá o decreto contra a festomania às muitas associações, obras, instituições, etc., que, embora seja com a marca de Littorio, dominam o nosso país, exploram ingênuos, perdem tempo para simplórios, distraem, confundem, desorientam" (Ciarlantini, 1926b: 3)<sup>5</sup>. Ciarlantini não oferece dados para corroborar sua afirmação sobre o desperdício dos auxílios, mas é verdade que uma lista bastante grande de pessoas e instituições que receberam subsídios governamentais nessa época foi levantada por Sedita (2010), e nessa lista constam centenas de nomes.

Entre o uso de recursos que Ciarlantini defende, estão as "missões diplomáticas da cultura", que devem ser feitas por professores, artistas e jornalistas para divulgar as ações de expansão cultural, pessoas que sejam italianas e morem fora da Itália, de modo a servir sua pátria de forma coordenada. Ele afirma, inclusive, que se deve

Remover os passaportes dos canalhas que difamam a Itália e o fascismo ... dar uma espécie de passaporte diplomático especial e facilidades notáveis para aquelas pessoas de fama literária e científica consolidada e autoridade artística não efêmera que se sentem capazes de ir para o exterior [...] tecer relações e dar a conhecer o que a nossa produção espiritual oferece de melhor. (Ciarlantini, 1926b: 3)<sup>6</sup>

Esses especialistas, que seriam responsáveis pela divulgação da propaganda fascista cultural, são o que Casanova descreve como intermediários transnacionais, que servem para medir o tamanho do capital literário de uma nação. A autora afirma que a presença de grande número de intermediários transnacionais importantes, de literatos sutis e de críticos refinados é, em outras palavras, um sinal essencial de poder literário. Os grandes cosmopolitas (em geral políglotas) são de fato uma espécie de agentes de câmbio, "cambistas" encarregados de exportar de um espaço a outro textos dos quais fixam, por aí mesmo, o valor literário (2002: 37, trad. Marina Appenzeller).

A importância de ter um grande número de intermediários é sublinhada quando Ciarlantini destaca a necessidade da Itália de se impor em todos os campos do conhecimento e combater qualquer medida que vá contra a expansão italiana que pode vir de alguns países. Esse é um dos motivos pelos quais não se tentava impedir a produção literária de modo muito rigoroso: quanto mais cultura se exportava, melhor. Como ele mesmo afirma sobre as iniciativas numerosas, não é relevante para o fascismo se entre obras respeitáveis e dignas de consentimento universal existam obras inferiores; para ele, bastaria existir uma proporção dentre elas que se sobressaíam e que possam ser admiradas pelos estrangeiros (Ciarlantini, 1926b: 3).

Por isso a censura não tem grande papel nesse momento; ela poderia diminuir consideravelmente o número de obras produzidas. Esse fato é confirmado por Rundle e Sturge (2010), ao afirmarem que, apesar de países com a Alemanha e a Espanha imporem um grau importante de censura mediática na época, a censura italiana era bastante flexível e não existia uma censura preventiva quando se tratava de literatura. Raffini afirma inclusive que quem mantinha um perfil discreto ou aceitava participar dos órgãos de cultura criados pelo governo tinha bastante flexibilidade no que se refere a escrever sobre temas que o regime não olhava com bons olhos (2020:

---

5 "[...] un rastrellamento generale in tale campo... fungoso ed estenderà il decreto contro la festomania alle molte associazioni, opere, enti, ecc., che, sia pure con l'etichetta del Littorio, imperversano nel nostro paese, sfruttano gl'ingenui, fanno perder tempo ai semplicioni, distraggono, confondono, disorientano." (Ciarlantini, 1926b: 3).

6 "Togliere i passaporti ai cialtroni che diffamano l'Italia e il Fascismo... conferire una specie di passaporto diplomatico speciale e facilitazioni notevoli a quelle persone di consolidata fama letteraria e scientifica e di autorità artistica non effimera che si sentono in grado di andare all'estero [...] a intessere relazioni e a far conoscere il meglio che la nostra produzione spirituale offre." (Ciarlantini, 1926b: 3)

150). Apesar dos esforços do *Imperialismo Spirituale*, porém, como explica Casanova, o capital literário é construído de forma complexa, e o seu valor não muda pela simples vontade de uma nação, pois “quem teria o poder de decidir o que é ou não literário seria uma aristocracia artística não oficial, ou seja, quem não é parte dela, teria muita dificuldade em influenciar a República das Letras” (2002b: 39). Na época, Paris seria o ponto de referência para a literatura mundial, e apesar da Itália, por sua tradição e passado, ter alguma vantagem nesse universo literário, deslocar o centro dele de Paris para Roma não é uma tarefa a ser realizada em poucos anos.

A possível vantagem da Itália nesse cenário deriva do fato de que, de acordo com Casanova, o patrimônio nacional de um país está ligado à antiguidade de sua literatura dentro do espaço literário internacional, criado no século XVI, e que continua expandindo e promovendo a construção de “referências, reconhecimentos e, por aí mesmo, rivalidades no momento da emergência e da construção dos Estados europeus” (2002b: 25). A existência de textos canônicos que formam o panteão escolar e nacional tende a ser mais numerosa em nações cuja literatura é antiga (2002b: 29). A Itália pode se valer da antiguidade – como o regime faz frequentemente ao referir-se ao Império Romano e à glória antiga de Roma, por exemplo, como aspirações. Porém, esse não é o único fator que determina o capital literário de uma nação, afinal, apenas um país vai se destacar de forma mais evidente dessas rivalidades do universo literário. Outras estratégias para desenvolver o capital literário italiano, além de reforçar a antiguidade da cultura romana, são de cunho mais prático, como Ciarlantini descreve em artigos.

Ele torna-se durante sua vida um grande agente de difusão da divulgação do livro italiano. Dentre os vários artigos que escreve para “Augustea”, está “La diffusione del libro italiano all'estero” [A difusão do livro no exterior] (p. 1-3), na edição de 16 novembro de 1926. O artigo é a reprodução de um texto apresentado ao *Congresso Nazionale degli Editori e dei Librai* por Ciarlantini, em Roma, no qual é discutida a crise editorial do país como uma crise que demanda a atenção do governo. Segundo Ciarlantini, a crise livreira se acentuou nos últimos anos; é necessário que o mercado tenha mais incentivos para reverter esse quadro. A venda de livros também é um dos “indicadores culturais” bastante relevantes para analisar as práticas literárias de uma nação e seu volume de capital literário, de acordo com Casanova (2002b: 18). Ou seja, a produção livreira está diretamente ligada ao aumento de capital cultural que o governo fascista buscava. A crise livreira é comprovada por dados apresentados por Ciarlantini: entre 1914 e 1924, houve uma diminuição de 50% na produção de livros na Itália. Ele afirma que isso é, em grande parte, culpa do aumento da despesa tipográfica, que pode ser reduzida com o auxílio de práticas governamentais. Um custo livreiro menor permitiria que os editores fizessem tiragens maiores de suas publicações. Ciarlantini compara a tiragem dos livros italianos com as tiragens francesas, inglesas, alemãs e espanholas, todas de volume superior, concluindo que a pequena tiragem aumenta muito o preço dos livros na Itália, o que acaba sendo proibitivo pois o povo, mesmo se sentir a necessidade da leitura, vai preferir os jornais ou folhetos por questões de custo (1926c: 2). Por outro lado, como o gosto por essas mídias, para ele, é uma evidência de que o povo tem inclinação para a leitura, não seria difícil, com o uso de propaganda e um preço mais atrativo, aumentar o público leitor.

Além das expensas com o custo tipográfico, os ministérios como o da “Educação Pública e Relações Exteriores poderiam exercer um trabalho de propaganda muito eficaz para aumentar os leitores tanto no país quanto no exterior e assim possibilitar grande circulação” (1926c: 2)<sup>7</sup>. Os ministérios da Economia Nacional e das Comunicações poderiam atuar na melhora do transporte do material, o ministério das Finanças poderia reduzir ou eliminar as taxas fiscais, como fez com o comércio do vinho, impulsionando seu consumo.

---

<sup>7</sup> “Pubblica Istruzione e degli Esteri che potrebbero esercitare un'opera efficacissima di propaganda per accrescere i lettori tanto in patria che fuori e rendere così possibili le grandi tirature” (Ciarlantini, 1926c: 2).

## O interesse pela América Latina

Para entender a influência das estratégias descritas e outras ações tomadas por Ciarlantini no continente latino-americano, é importante uma pequena contextualização. Na época em que o fascismo começava a se formar e se consolidar na Itália, a maior parte das nações latinas comemorava seu primeiro centenário de Independência, que para quase todas aconteceu na primeira metade do século XIX. Assim, de acordo com Rama, “aqueles que antes haviam sido conturbados Estados separados da Espanha e de Portugal converteram-se então na pujante América Latina, que consolida seu vínculo à economia-mundo ocidental e constrói sua reconhecível imagem contemporânea, pois é nesse período que se forjam as bases do atual continente” (2015: 93, trad. Emir Sader). Ou seja, é nesse período que surge uma camada da intelectualidade latino-americana, não mais portuguesa ou espanhola, e que poderia ser considerada como parte da república mundial das letras como a concebe Casanova (2002). No início dos processos de independência, a intelectualidade é sobretudo consumidora, e o desenvolvimento desse público é bastante tardio quando comparado com a Europa. Além das já mencionadas diferenças de tradição literária, essa época foi deveras dinâmica para o desenvolvimento desses intelectuais, como afirma Rama, quando descreve a veloz mudança de estágios desse extrato da camada social, que passa de um reduzido círculo letrado para uma etapa de transição que vai contar com membros de uma elite originada nos estratos médios, recentemente educada, para finalmente chegar em um momento de reivindicação de direitos populares; tudo isso acontece em poucas décadas (2015: 126). Isso quer dizer que a intelectualidade latino-americana tem pouco poder para legitimar quem detém capital cultural ou de impor sua cultura no mercado cultural. Esse é um dos motivos do interesse da parte da Itália; a situação na América Latina seria propícia para receber literatura estrangeira.

A imigração italiana também tem um papel marcante no que se refere ao interesse pela América Latina; na verdade, Ciarlantini irá concentrar muitos esforços para reforçar a presença de capital cultural italiano principalmente na Argentina e, em segundo lugar, no Brasil. Isso porque os dois países recebem respectivamente 46% e 33% de todo o contingente de imigrantes europeus que vêm para a América Latina entre 1800 e a Primeira Guerra Mundial. Segundo Rosoli (1992), dentre esses os italianos eram os mais numerosos. Fausto confirma a afirmação: segundo o autor, entre 1887 e 1930, a imigração italiana no Brasil foi a mais expressiva entre todos os contingentes estrangeiros que vieram para cá. Ela vai sofrer uma queda com a Primeira Guerra Mundial, mas em 1918, com o fim do conflito, tem início uma nova onda migratória, fornecendo principalmente mão-de-obra para a lavoura do café (1995: 275).

Para o fascismo, isso significava que esses italianos e seus descendentes poderiam ser apoiadores em potencial do regime e eventualmente ajudar a espalhar a cultura italiana pelo mundo, virando, de acordo com a ideia de Casanova, agentes de câmbio, que impulsionariam a exportação de textos de um espaço a outro (2002b: 38) – nesse caso, da Itália para a Argentina e o Brasil –, tornando-se representantes italianos essenciais para o *Imperialismo Spirituale* prosperar. Além disso, a proximidade linguística do espanhol e português com o italiano poderia ser benéfica para a penetração da literatura italiana nesses países.

Por outro lado, de acordo com Rundle e Sturge, Espanha e Portugal não precisavam se preocupar com suas respectivas línguas e com as dinâmicas do mercado de traduções, visto que podiam voltar sua atenção para uma grande comunidade linguística na forma de suas (ex)colônias no mundo inteiro (2010: 9). Isso quer dizer que, no que se refere à língua, duas forças buscam espaço aqui: primeiro, a italiana, que tem bastante reconhecimento no mercado internacional literário; depois, o português que, ainda que tenha um número relativamente grande de falantes, não tem grande valor no contexto de capital literário, como mostra os casos de Eça de Queiroz e

Machado de Assis, autores que têm grande reconhecimento no espaço da língua portuguesa mas pouco são reconhecidos no mercado literário fora desse espaço, sendo relegados a uma condição ambígua (Casanova, 2002<sup>a</sup>: 14). Assim, para impor sua literatura na América Latina, a Itália deve buscar ofuscar a entrada de literaturas que não precisam de tradução vindas de Portugal e Espanha.

Além dessa dificuldade, os imigrantes não saíam da Itália com o propósito de divulgação cultural, como Ciarlantini explica no artigo “L'Italia e L'America Latina” [A Itália e a América latina] (p. 803), de 15 de dezembro de 1927, logo, não poderia ser feita a relação direta entre grande número de imigrantes com crescente interesse pela cultura italiana. Na realidade, no artigo, a justificativa da imigração é focada na necessidade de expansão do país, pautada em motivos genéricos como sua posição geográfica e vitalidade de espírito, sendo essa última uma característica que manteria o imigrante conectado com sua terra, sentindo-se patriota. Para o autor, o sentimento é tão forte que mesmo os descendentes que não falem a língua seriam sempre italianos pois

o sangue primitivo é mantido em sua constituição típica e a alma está sempre pronta para iluminar-se com uma luz de orgulho se a Itália obtiver a vitória em uma guerra gigantesca, se for milagrosamente renovada em uma revolução historicamente exemplar, e para cada conquista que realiza, para cada aumento de prestígio que obtém. (Ciarlantini, 1927b: 803)<sup>8</sup>

Ou seja, o papel do imigrante como divulgador de literatura é algo secundário.

No mesmo texto, a relação com a América Latina é abordada; para aproximá-la da Itália, o povo italiano deve conhecer melhor a América do Sul (o uso de “América Latina” e “América do Sul” parece intercambiável para Ciarlantini nesse artigo), enquanto os sul-americanos podem orientar-se para a Itália, aprender sua língua, mandar seus jovens estudantes para lá, promover viagens de seus artistas para a Itália. A América Latina, como “uma grande reserva de *latinità*”, deve ser alvo do interesse italiano, e se esse interesse for mútuo “haveria aquela grande fusão que cria a homogeneidade de interesses e orientações da qual segue a vitória espiritual das raças” (Ciarlantini, 1927b: 803)<sup>9</sup>. Pode ser sublinhado aqui como o discurso é feito de maneira a colocar essa questão de *Imperialismo Spirituale* como de interesse mútuo, não como algo que favorece predominantemente a Itália e sua tentativa de aumentar seu capital cultural mundial impondo sua literatura no continente sul-americano.

Para ilustrar como Ciarlantini julgava o continente sul-americano como de menor capital literário, no já mencionado artigo “La diffusione del libro italiano all'estero” [A difusão do livro no exterior] (p. 1-3), da edição de 16 novembro de 1926 (1926c: 2), ele dedica alguns parágrafos a uma breve análise da situação livreira na América do Sul. Segundo ele, os imigrantes desse continente não têm um gosto literário refinado, logo, é muito importante desenvolver o campo editorial, para que ocorra um aumento no interesse pela literatura italiana, ou seja, não só ele menosprezava o que estava circulando em termos de literatura por aqui como também não considerava essa literatura uma concorrente na expansão italiana. Para que isso ocorra, casos como o da AELI no Brasil (*Associazione Editoriale Libreria Italiana*), que organizou uma Mostra do Livro Italiano durante a Exposição do Centenário da Independência Brasileira, foram considerados bem-sucedidos por ele, por terem servido para exaltar a atividade editorial e produção científica, literária e técnica italianas, além dessa mostra ter sido bastante elogiada pelos especialistas e jornalistas ouvidos. Apesar desses

---

8 “[...] il sangue primitivo si mantiene nella sua costituzione tipica e l'anima è sempre pronta ad accendersi di una luce di fiera se l'Italia ottiene la vittoria in una guerra gigantesca, se si rinnova miracolosamente in una rivoluzione storicamente senza esempio, e per ogni conquista che compie, per ogni aumento di prestígio che ottiene.” (Ciarlantini, 1927b: 803)

9 “[...] si avrebbe quella maggio fusione che crea la omogeneità di interessi e di orientamenti dalla quale consegue la vittoria spirituale delle razze.” (Ciarlantini, 1927b: 803)



“sucessos”, as duas livrarias italianas existentes na América Latina na época (e que faziam parte do empreendimento da AELI), foram fechadas após repetidos pedidos de ajuda. Ou seja, não obstante os esforços e o pretense interesse sul-americano pela Itália, o fechamento das livrarias italianas parecia indicar algo diferente.

A Argentina também hospedou uma Mostra do Livro, descrita no texto “Il libro italiano in Argentina” [O livro italiano na Argentina] (p. 719), no qual Ciarlantini menciona o artigo sobre a Primeira Mostra do Livro Italiano na América do Sul (da edição de 16 de novembro de 1926), além de falar sobre os intelectuais portenhos e de como a receberam bem. Ele afirma que, durante semanas, diversos jornais da capital argentina dedicaram colunas e páginas inteiras a “esta magnífica afirmação espiritual da Itália fascista” (Ciarlantini, 1927a: 719). Ele cita um trecho de uma resenha do evento publicada no “Giornale d'Italia de Buenos Aires” que declara, entre outras coisas, que o movimento intelectual italiano é muito poderoso e complexo, colocando a Itália na vanguarda do progresso cultural universal. E completa dizendo que a Mostra foi impulsionada pelo Governo Fascista e requisitada pessoalmente pelo Duce. Mesmo a parte da imprensa que era contra as leis imigratórias italianas foi obrigada a falar bem da mostra; no total, onze periódicos bonaerenses enviaram representantes para cobrir o evento.

Além dos mencionados, muitos outros esforços foram feitos para a expansão do livro italiano na América do Sul. Ciarlantini fez uma viagem para a Argentina, detalhada no livro *Viaggio in Argentina* e que foi resumido por Mario Puccini no texto “Viaggio in Argentina” [Viagem na Argentina] na edição de 31 de janeiro de 1929 (p. 47). É possível também citar o grande número de instituições criadas para fazer propaganda cultural italiana no exterior, como a *Dante Alighieri*, a *Leonardo* e os *Fasci italiani all'estero*, que tiveram vida breve e pouco ajudaram na divulgação dos livros italianos (apesar de esse nunca ter sido seu objetivo, Ciarlantini dá a entender que era esperado que instituições focadas em divulgar a Itália de alguma forma tivessem tido mais impacto nessa área).

Diante do número bastante volumoso de iniciativas e investimentos, Ciarlantini parecia bastante confiante, e fazia planos de expansão cultural ambiciosos, afirmando, por exemplo, que

Com o renascimento do nosso prestígio no mundo, com os sucessos da nossa política, com a expansão dos nossos produtos, com o aumento contínuo dos nossos comércios marítimos e finalmente com aquele ressurgimento das artes, letras, ciências que todos desejamos, o conhecimento da nossa língua será cada vez mais necessário. (Ciarlantini, 1926c: 2)<sup>10</sup>

Termina o artigo explicando o motivo de dedicar-se ao assunto da venda de livros, dizendo que faz isso porque a expansão do livro italiano, além de ter uma grande importância econômica para as novas indústrias, aporta benefícios comerciais e é de considerável importância política, coisas que italianos dignos devem sempre ter em mente (Ciarlantini, 1926c: 2).

## Os resultados da propaganda cultural

O alcance desses esforços, porém, é bastante questionável no Brasil. Por um lado, Peterle afirma que, em comparação com o século XIX, existe um movimento de olhar para o Brasil no século XX (2011: 8). Ao analisar o *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil*, uma cartografia de textos da literatura italiana publicada no Brasil em formato de livro feito em parceria

---

10 “Col rifiorire del nostro prestígio nel mondo, con i successi della nostra politica, con l'espandersi dei nostri prodotti, con l'aumento continuo dei nostri traffici Rri ed infine con quel risorgimento delle arti, delle lettere, delle scienze che tutti auspichiamo, si renderà sempre più necessaria la conoscenza della nostra lingua.” (Ciarlantini, 1926c: 2)

entre pesquisadores e pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade de São Paulo, fica evidente um aumento nas obras italianas traduzidas e publicadas no Brasil a partir de 1900: entre 1900 e 1919, são 6 obras, entre 1920 e 1929, 11 obras e entre 1930 e 1939, são 41 obras. Algumas considerações são relevantes para que seja possível analisar esse aumento nos anos 30.

Peterle lembra do papel de livrarias e editoras no Brasil que publicavam a literatura italiana clássica e contemporânea, e considera que as ondas migratórias provavelmente incentivaram a divulgação da cultura italiana (2011: 8). Por outro lado, Paltrinieri afirma que vários jornais, como o “Il colono italiano” e “Il Correio Riograndense” tinham como objetivo a manutenção de conservar os laços com a pátria italiana, e talvez mesmo com a literatura em dialeto (2018). Ou seja, pode-se pensar nesse como outro empecilho para a divulgação da literatura italiana: se os imigrantes preferiam ler em seus dialetos, o italiano de outras regiões não lhes interessaria. Assim, a massa imigratória não era homogênea o suficiente para incentivar mais a publicação de literatura italiana e acabava se voltando aos periódicos, que publicavam em seus dialetos. Isso não quer dizer que a grande imigração não fez nenhuma diferença, mas sua origem regional não foi homogênea o suficiente para garantir uma grande inserção da literatura italiana no Brasil.

Na obra *O Livro no Brasil* (2012), de Hallewell, alguns dados se mostram bastante interessantes para pensar no aumento da publicação de literatura italiana. Em São Paulo, o número de exemplares de livros publicados, de todas as origens, em 1929 é de 1 488 500. Em 1939, o número é de 2 080 710, ou seja, um aumento de 592 210, cerca de 30%. Na década de 30, o recorde é do ano de 1937, quando 2 484 238 exemplares são publicados. Ou seja, existe um crescimento geral em termos de publicações em território nacional. Percebe-se também, ao olhar para o número de títulos e tiragem, que existe um crescimento praticamente constante da Editora Nacional nos anos contabilizados entre 1926 e 1939. Outro dado interessante descrito pelo autor é a importação de livros da Itália (em toneladas): de 1920 até 1929, temos o total de 436 059t de livros importados. Na década seguinte, o total é de 357 918t. O autor afirma que para interpretar os números, é preciso levar em consideração o fato de que eles incluem publicações multinacionais impressas na Itália.

Além disso, há um aumento significativo de importação de livros da Espanha na década de 30, ao mesmo tempo que vemos uma drástica diminuição da importação de material impresso da França (como esses números não se referem apenas aos livros franceses, não se pode fazer uma comparação direta). O número de importação de livros da Inglaterra e dos Estados Unidos também tem um leve aumento nos anos 30 (2012, p. 872-3).

Um último dado também deve ser levado em consideração: Sedita (2010) fornece uma lista de autores, jornalistas e revistas que receberam subsídios do governo fascista a partir de 1933 até 1943 (p. 189)<sup>11</sup>. Se o subsídio fascista, ao se consolidar nos anos 30, fosse responsável pelo aumento no número de títulos de literatura italiana encontrados no *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil*, vários nomes figurariam entre os privilegiados. O que pode ser observado, porém, é que apenas dois nomes que foram traduzidos na década de 30 figuram na lista de subsídios governamentais: Bontempelli e Lucio D'Ambra (infelizmente não foi possível encontrar dados sobre os anos 20).

## Considerações finais

Ao analisar todos os dados e as áreas de atuação propostas por Franco Ciarlantini, o que pode ser concluído é que não é possível observar diretamente qualquer efeito permanente desse incentivo

---

<sup>11</sup> A lista completa encontra-se na página 189 da obra de Sedita (2010) e é intitulada “Lista in ACS, Minculpop, Reports, b. 5, fasc. A complete list of all subsidies given to Italian newspapermen, artists and writers 1933 - 1943”.

– que incluiu centenas de nomes –, ou de seu impacto no Brasil. Hallewell (2012) afirma que a literatura italiana – a não ser por um breve período na década de 20 – nunca foi popular no Brasil. De fato, o pequeno aumento momentâneo é provavelmente um impulso ocasionado pela chegada de um número relativamente alto de imigrantes na época, mas que rapidamente volta aos patamares “normais”, o que contradiz a fala de Ciarlantini sobre imigrantes de segundas gerações em diante continuarem estreitamente ligados à sua terra natal (Ciarlantini, 1927b: 803).

Algumas questões explicam a dificuldade de penetração da literatura italiana no Brasil. Primeiro, todos os esforços de subsídio do regime fascista parecem pouco organizados, como o próprio Ciarlantini coloca repetidamente, e não é possível encontrar um objetivo concreto através do qual o próprio governo pudesse avaliar a eficiência do dinheiro empregado. Ao mesmo tempo que existe interesse pela América Latina, a Itália está tentando colonizar territórios africanos, desenvolver o interesse pela cultura italiana dentro da própria Itália além de lidar com as questões políticas internas e com o resto da Europa. Não há evidências de um planejamento contínuo mensurável quando se fala de *Imperialismo Spirituale*. Casas e instituições, como a *Casa Dante* Alighieri, abrem e fecham em diversos países. Algumas viagens por autores e outros atores da divulgação cultural acontecem, mas a narrativa que contam – de que há muito interesse pela Itália, por sua cultura e sua língua – não parece ser confirmada pelos números, ao menos não no Brasil.

Além disso, Cappelli lembra que nos anos 20 e 30, o Brasil estava vivendo um momento de renovação cultural, com a Semana de Arte Moderna de 22, o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, enfim, uma série de movimentos que podem ser considerados uma reação à dependência cultural da Inglaterra e da França até o momento (2012: 61). Essa também pode ter sido uma barreira para a expansão da literatura italiana; os esforços fascistas foram de encontro aos movimentos artísticos da época, que não buscariam uma nova nação europeia da qual depender culturalmente. O francês de certa forma continuava presente pois era uma língua tão ubíqua para a camada intelectual que muitas traduções do inglês e do russo feitas na época eram indiretas, intermediadas justamente pelo francês (Carneiro, 2007: 55). Isso significa que a camada intelectual do Brasil, ainda que tentasse, não estava desligada das amarras francesas.

O conflito com o momento literário em que o Brasil estava vivendo, aliado à falta de organização do regime em seus planejamentos e objetivos culturais, certamente impactaram a falta de penetração da literatura italiana no Brasil. Além disso, como coloca Casanova, a “[...] economia literária seria, portanto, abrigada por um ‘mercado’, para retomar os termos de Valéry, isto é, um espaço onde circularia e se permutaria o único valor reconhecido por todos os participantes: o valor literário” (Casanova, 2002b: 28). Sob esse aspecto, não cabe a Itália decidir seu próprio valor, pois é o conjunto dos participantes desse mercado que poderia atribuir mais capital literário nacional ou não, e quem tem mais capital, tem mais força para influenciar o mercado, e quem tinha mais capital na época era a França, com Paris sendo seu centro cultural. A influência de Ciarlantini parece ter sido mais sentida dentro da própria Itália, principalmente através de sua própria editora (que ganhava subsídios governamentais), e que garantiu a publicação de inúmeras obras, italianas e traduzidas.

Rundle afirma que, na verdade, parece haver um aumento pelo interesse da população italiana por obras estrangeiras entrando na década de 30 (2010: 16). Isso não quer dizer que, se o fascismo tivesse permanecido no poder, o programa de subsídios não teria crescido e se organizado de modo a ganhar mais poder de influência, talvez aumentando cada vez mais a censura. Mas o que pode ser observado é que a batalha por espaço literário (Casanova, 2002b: 60) tem a influência de muitos fatores, e enquanto a legitimização do capital literário estiver nas mãos de poucos, a capital mundial das letras terá o poder de se autoafirmar, fazendo com que as mudanças no mercado literário sejam lentas. Apesar disso, Ciarlantini certamente foi um dos protagonistas da divulgação da propaganda cultural fascista, mesmo sem ter alcançado seus objetivos, pois seus esforços foram constantes. O

fato de seu nome não ser tão conhecido está provavelmente mais relacionado ao fato dele ter se aliado ao fascismo do que à sua inexpressividade no mercado literário italiano.

## Referências

- Billiani, F. (2020). *National Cultures and Foreign Narratives in Italy, 1903–1943*. Londres, Inglaterra: Palgrave Macmillan.
- Cappelli, V. (2012). “Italiani in Brasile: bilancio degli studi e nuovi percorsi di ricerca”. *Altreitalie: riviste internazionale di studio sulle migrazioni italiane nel mondo*, Turim, núm. 44, p. 59-72.
- Carneiro, T. D. (2007). “A tradução de obras francesas no Brasil na primeira metade do século XX”. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, Brasília, núm. 23, p. 53-57.
- Casanova, P. (2002a). « Consécration et accumulation de capital littéraire: la traduction comme échange inégal ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 144.
- Casanova, P. (2002b). *A República Mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade.
- Ciarlantini, F. (1926a). “Dopo il viaggio Africano di Benito Mussolini”. *Augustea: politica, economia, arte*, p. 1, 1 de maio de 1926.
- Ciarlantini, F. (1926b). “Per l’espansione culturale all’estero”. *Augustea: politica, economia, arte*, p. 3. 16 de setembro de 1926.
- Ciarlantini, F. (1926c). “La diffusione del libro italiano all’estero”. *Augustea: politica, economia, arte*, p. 1-3, 16 de novembro de 1926.
- Ciarlantini, F. (1927a). “Il libro italiano in Argentina”. *Augustea: politica, economia, arte*, p. 719-720, 31 de outubro de 1927.
- Ciarlantini, F. (1927b). “L’Italia e L’America Latina”. *Augustea: politica, economia, arte*, p. 803, 15 de dezembro de 1927.
- Fausto, B. (1995). *História do Brasil*. São Paulo, Brasil: Editora da Universidade de São Paulo. Fundação do Desenvolvimento da Educação.
- Ferroni, G. (2011). *Storia e testi della letteratura italiana*. Milano, Itália: Mondadori Università.
- Hallewell, L. (2012). *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo, Brasil: EDUSP.
- Lecco, E. (1981). *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Treccani.
- Montanelli, I. (2013). *L’Italia di Giolitti – 1900-1920*. Milano: Bur Rizzoli.
- Paltrinieri, A. C. (2018). “Introdução Brasileira-Itália: reconhecimentos, riscopertes e projetos”. *Numero speciale di Visioni LatinoAmericane*, ano X, núm. 18.
- Peterle, P. (org.). (2011). *A Literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão, Brasil: Copiart.
- Puccini, M. (1929). “Viaggio in Argentina”. *Augustea: politica, economia, arte*, p. 47, 31 de janeiro de 1929.
- Raffini, D. (2020). “Per una casistica dei rapporti tra riviste e fascismo: ‘Il Baretto’, ‘Il Convegno’, ‘900’”. In: Bachelet, Lucia et al (ed.). *Contesti, forme e riflessi della censura: creazioni, recensioni e canoni culturali tra il xvi e xx secolo* (p. 149-164). Roma, Itália: Sapienza Università Editrice.
- Rama, Á. (2015). *A Cidade das Letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Rosoli, G. (1992). “Un quadro globale della diaspora italiana nelle Americhe”. *Altreitalie: riviste internazionale di studio sulle migrazioni italiane nel mondo*, Turim, núm. 8.
- Rundle, C.; Sturge, K. (2010). *Translation Under Fascism*. Londres, Inglaterra: Palgrave Macmillan.
- Sedita, G. (2010). *Gli Intellettuali di Mussolini: la cultura finanziata dal fascismo*. Firenze, Itália: Le Lettere.